



INTERVENÇÕES DAS CULTURAS JUVENIS: ABRINDO ESPAÇOS DE SUPERAÇÕES NO FEMININO SERVIL E EXPLORADO.

Marta Regina da Silva Amorim

martareginacontato@gmail.com

Doutoranda em Educação pela Universidade Federal do Ceará - UFC

Bolsista FUNCAP

<http://lattes.cnpq.br/0887901969518302>

Ângela Maria Bessa Linhares

angela.ciranda@hotmail.com

Pós-Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará - UFC

Professora Titular da Universidade Federal do Ceará – UFC

<https://orcid.org/0000-0002-1440-4407>

Karine Pinheiro de Souza

karine.pinheiro@ufca.edu.br

Doutora em Educação pela Universidade do Minho/Portugal.

Professora Adjunta da Universidade Federal do Cariri – UFCA

<http://lattes.cnpq.br/8284202817095095>

RESUMO:

Este artigo tem como objetivo investigar como a atuação de um coletivo de artes pode contribuir com a construção de uma nova narrativa de lugar para a *Comunidade do Gesso*, Crato, Ceará. Através da análise de narrativas de mulheres e jovens, coletadas por meio da história oral, investigamos o impacto das intervenções artísticas do *Coletivo Camaradas*, fundado em 2007. Ao desafiar estigmas e promover a ressignificação de espaços, as ações do coletivo têm sido fundamentais para a construção de uma nova narrativa para a comunidade, superando um passado marcado pela violência e exclusão. A arte, nesse contexto, emerge como um poderoso instrumento de fortalecimento de autoestima e o senso de pertencimento dos moradores. Ao ressignificar espaços públicos e privados, a arte se torna um catalisador de mudanças sociais, fomentando o diálogo, a cooperação e a construção de um futuro mais justo e equitativo para a *Comunidade do Gesso*.

Palavras-Chaves: Cultura juvenil; Comunidade do Gesso; gênero; história oral; artes.

INTERVENTIONS BY YOUTH CULTURES: OPENING UP SPACES FOR OVERCOMING IN THE SERVABLE AND EXPLOITED FEMININE.

ABSTRACT:

This article aims to investigate how the actions of an arts collective can contribute to the construction of a new narrative of place for the *Gesso Community*, Crato, Ceará. Through the analysis of narratives of women and young people, collected through oral history, the impact

of the artistic interventions of the *Camaradas Collective*, founded in 2007, is investigated. By challenging stigmas and promoting the resignification of spaces, the collective's actions have been fundamental to the construction of a new narrative for the community, overcoming a past marked by violence and exclusion. Art, in this context, emerges as a powerful instrument of empowerment, strengthening the self-esteem and sense of belonging of residents. By redefining public and private spaces, art becomes a catalyst for social change, fostering dialogue, cooperation and the construction of a more just and equitable future for the *Gesso Community*.

Keywords: Youth culture; Gesso Community; gender; oral history; arts.

INTERVENCIONES DE CULTURAS JUVENILES: ABRIENDO ESPACIOS DE SUPERACIÓN EN LA MUJER SERVIL Y EXPLOTADA.

87

RESUMEN:

Este artículo tiene como objetivo investigar cómo la performance de un colectivo artístico puede contribuir a la construcción de una nueva narrativa de lugar para la *Comunidad Gesso*, Crato, Ceará. A través del análisis de narrativas de mujeres y jóvenes, recopiladas a través de la historia oral, se investiga el impacto de las intervenciones artísticas del *Coletivo Camaradas*, fundado en 2007, al desafiar estigmas y promover el replanteamiento de espacios, las acciones del colectivo han sido fundamentales para construir una nueva narrativa para la comunidad, superando un pasado marcado por la violencia y la exclusión. El arte, en este contexto, surge como un poderoso instrumento de empoderamiento, fortaleciendo la autoestima y el sentido de pertenencia de los residentes. Al darle un nuevo significado a los espacios públicos y privados, el arte se convierte en un catalizador del cambio social, fomentando el diálogo, la cooperación y la construcción de un futuro más justo y equitativo para la *Comunidad Gesso*.

Palabras clave: Cultura juvenil; Comunidad de Yeso; género; historia oral; letras.

1 Introdução

Ante a névoa dos janeiros e as gipsitas do chão, as juventudes desvendam as mulheres da localidade do Gesso, no Cariri cearense, de nova forma: veem-se conflitos de narrativas, abrem-se superações de um espaço onde a prostituição feminina dava-se ao silenciamento, fatalismo e dor. E, diante da potência das culturas juvenis que destampa a boca do tempo e com suas intervenções, parteja novos possíveis. Essa é a problemática que vamos tratar neste artigo.

Sabe-se que em todo campo social de reprodução dos limites sociais que demarcam a exclusão de grupos assujeitados tem-se também resistência e forças de criação de superações. No entanto, no meio das contradições que se tem na tessitura social desses espaços, seu mover-se acontece mediante atos de superação das situações-limite ali expostas. É objetivando iluminar o acontecido nesse embate e no âmbito da ação das culturas juvenis ante um

sofrimento social feminino alastrado no lugar, que trataremos de compor a arte e artesanato deste estudo. O objetivo geral deste artigo é investigar como a atuação de um coletivo de artes pode contribuir com a construção de uma nova narrativa de lugar para a *Comunidade do Gesso*.

Desse modo, em meio a uma espécie de “desterritorialização das culturas juvenis” (Martins & Carrano, 2011, p. 46) é que, na localidade do Gesso, tem-se uma multiplicidade de esforços a percorrer ruas e cidades, escolas e vilarejos com atos de arte, deslindando o digno ofício de viver. Desentranhando o que parecia em constante adormecimento, desfiando, pois, os nós críticos onde se inter cruzam o coletivo feminino da localidade do Gesso, no Cariri cearense, em meio à intervenção juvenil que, mediante a cultura, se insere nos tempos e espaços das praças, ruas e casas onde a invisibilidade da exclusão era destravada. Os espaços antes silenciados são pouco a pouco situações ressignificadas, que vão ancorar perguntas e atos críticos, a partir de práticas específicas das culturas juvenis junto às ambiências do lugar.

Assim é que mediante abordagem qualitativa são postas aqui as análises de narrativas já colhidas por meio da história oral, de onde tiramos as análises que costuram o desenho desta escrita (Oliveira et al., 2021). Frisamos que o aspecto da pesquisa qualitativa envolve a captura dos dados do campo analítico, que se situa na interface com a subjetividade dos sujeitos. E os textos da pesquisa evidenciam falas e significações, que lidam com a mediação da linguagem e suas formas expressivas.

Para compreender as experiências relevantes, utilizamos a História Oral, com a entrevista de duas mulheres da *Comunidade do Gesso*, que vivenciaram o período de intensa atividade na Zona de Prostituição, e um dos membros do *Coletivo Camaradas*, que reside na comunidade há mais de 30 anos. A escolha desses participantes teve como objetivo buscar as diferentes perspectivas presentes nesta comunidade. Todo o material foi gravado com autorização dos participantes, via termo de consentimento livre e esclarecido. As transcrições foram feitas na íntegra para a etapa final de uma análise temática.

A produção científica no cenário atual, na pesquisa como em outros âmbitos de produção de saber, não pode se isentar do diálogo com a arte que encontra seu corpus nas entrevistas com duas mulheres, com a análise das categorias que foram percebidas nas narrativas, dentre elas - estratégias de sobrevivência; cotidiano na comunidade; discriminação e exclusão; relação entre gênero e poder; espaço, poder e gênero; criação e superação. Que está descrita na primeira etapa do estudo, com o objetivo específico de apresentar a *Comunidade do Gesso* a partir da perspectiva das mulheres, por meio de entrevistas com as moradoras, na valorização da experiência feminina e, na segunda etapa com a apresentação da atuação do *Coletivo Camaradas* na construção de uma nova narrativa.

2 Eixos e margens da intervenção juvenil na localidade do Gesso, Cariri cearense

O Cariri cearense é um território marcado por uma ampla diversidade cultural e narrativas que se entrelaçam e se transforma ao longo do tempo. Segundo Meneses e Cordeiro (2016), em um mundo globalizado, as fronteiras culturais são “móveis” e as identidades são construídas a partir de um “jogo de disposição de forças e trocas culturais”. Assim, as identidades são constituídas no interior de um jogo de poder (Hall, 2000).

Aqui, vemos um espaço onde elementos da tradição e da modernidade podem coexistir, construindo novas identidades. As culturas juvenis do Cariri vem desempenhando um importante papel na elaboração de novas narrativas para este lugar.

Passo a passo, atravessa-se temporalidades e as narrativas juvenis chamam as vozes e participações das crianças e dos adultos, na arte que faz vicejar dentre os coletivos posturas dialógicas inéditas. É que nos ambientes de diálogo intergeracionais, grupos juvenis junto a crianças e adultos ancoravam anúncios do inédito viável (Freire, 1997). Nessa *empeleita*, como se referiu uma jovem do coletivo juvenil Camaradas, criava-se o Poste-poesia (poesia nos postes das ruas); alentavam-se Rodas de conversas nas praças e áreas livres, que se sucediam semana a semana, com uma diversidade de temas e grupos de interesse; ocupava-se também os botecos, com caixinhas de livros e estímulos às leituras (estas bibliotecas em botecos principiaram com o senhor chamado Higino, daí serem nomeadas no lugar de *Higinotecas*), bem como uma variedade crescente de práticas de produção visual e poética, dramática e literária, musical e sempre interativa ocupar os espaços e tempos antes regidos por outra lógica.

Como dizia Milton Santos (2008, p. 88): “De um lado, há espaços contínuos, formados de pontos que se agregam sem descontinuidade, como a definição tradicional de região. São as horizontalidades”, mas, por outro lado “há pontos no espaço que, separados uns dos outros, asseguram o funcionamento global da sociedade e lógica econômica. São as verticalidades. Os espaços se compõem de uns e de outros desses recortes, inseparavelmente. Segundo o autor, nas horizontalidades tem-se a possibilidade das solidariedades do cotidiano da vida repartida, em sua rica diversidade. Noutro sentido, as verticalidades vão gestar e gerir mais acirradamente controle e hegemonias.

A perspectiva crítica das culturas juvenis, descolonizando fatos e história, mediante a cultura, mostrava, no campo cultivado das interações, um reexame sutil das práticas sexistas em relação ao corpo das mulheres, conectadas à lógica acumuladora da mercadoria.

Apostando na noção de imagens do viver em comum mais solidário podem ser gestadas pela via cultural, campo híbrido, os grupos juvenis, intencionalmente vão tornando concreto mutações desejadas e partilhadas no tecido comunitário. O apelo de bell hooks (2018), que propõe a noção de mutualidade como o *ethos* que deve determinar interações entre sujeitos, na verdade é uma captura dos anseios que medram globalmente. É que nesse colo se vai minando dominações e ganha espaço os devires em que mulheres e homens, não sendo parecidos, como ela diz, convivam com suas diferenças com igualdade e respeito nos direitos sociais e nos seus universos relacionais.

O modo de fazer uma intervenção cultural situada, com o uso social do espaço sendo valorado, mostra processos criativos e expressivos que irão compor novo semantismo, a propor olhares e posturas novas dentro das ambiências locais. Nessa medida, a arte expõe ritmos de movimentos de corpos-pensamentos-atos no espaço, ampliando interações com o Outro e os objetos, estas expansões se transmudando ao longo da diversidade das intervenções propostas. Seguindo a perspectiva de performance proposta por Zumthor (2014), essas ações vão além da simples ocupação do espaço físico, promovem experiências sensíveis, vivas e pulsantes, mobilizando pessoas e criando novas formas de interação social que dialogam com a história do lugar, tornando essa experiência mais significativa para quem dela participa.

Dentre desafios largos, neste artigo, portanto, estamos abordando os destacados percebidos nas narrativas, que geraram novos espaços de vida estimulados pelas culturas juvenis como exclusão, resistência, criação e superação. Estes atos de superação de situações-limite estimularam criações novas, lugares de dizer reivindicaram seus lugares, no compasso de um desvelar saberes que ia sendo produzido coletivamente e resultou por gestar nos espaços públicos novos comunitarismos. Como diz Paulo Freire (1997), a esperança é necessidade ontológica, está enraizada no ser como condição humana; já a desesperança seria uma esperança que perdeu o endereço, e, na realidade, se tornou distorção dessa necessidade fundamental de humanidade.

3 Da Gipsita à Marginalização: A Construção da *Comunidade do Gesso*

A *Comunidade do Gesso*, localizada no Crato, Ceará, surge a partir de um antigo depósito de gipsita, que recebia pedras vindas da cidade de Santana do Cariri e seguiam de trem para Fortaleza, onde seriam beneficiadas. É em torno desta atividade econômica que se forma um aglomerado de casas que abrigaria nos anos seguintes um dos maiores espaços de

prostituição do interior nordestino. Essa comunidade, então, possui uma história marcada por transformações sociais, culturais e espaciais.

Segundo Andrade (2000) o meretrício é um universo que “encontra-se pontilhado por muitos conceitos e preconceitos, imagens cristalizadas, estereótipo e clichês que demonstram conhecimentos sobre elementos que dizem respeito às meretrizes. É como se tudo já tivesse esclarecido” (2000, p. 2). Entre as décadas de 1940 e 1960 a prostituição foi vista como caso de polícia em um contexto social mascado por valores conservadores que ordenavam regras a serem seguidas pela população local. Impactando profundamente a visão das gerações posteriores sobre a comunidade. Com o passar dos anos, a comunidade passou por processos de urbanização e crescimento populacional, enfrentando desafios como a falta de infraestrutura, o preconceito e a estigmatização.

De acordo com Andrade (2000) dentro de um projeto de civilidade que estava em andamento dentro da cidade do Crato, como nos apresenta Cortez (2000) em sua pesquisa intitulada *A Construção de “Cidade da Cultura”: Crato (1889-1960)*. Diante disso, “O cotidiano do meretrício achava-se nessa condição. Fora dos padrões estabelecidos pelo discurso da moral e da ética cristã, ‘necessitava’, sob a ótica dos defensores dessa última, de uma territorialização” (Andrade, 2000, p. 19).

Percebe-se a existência de uma linha imaginária que separava as mulheres de bem das mulheres que se prostituíam. Essa separação ficou ainda mais evidente na década de 1960, quando várias casas de prostituição localizadas próximo ao centro da cidade, foram fechadas, deslocando essas casas para a *Comunidade do Gesso*. Florêncio (2016) destaca que “A prostituição cratense vista após o processo de urbanização, ou constituição de submundo, possibilita identificar a distinção de condutas morais femininas desejáveis e outras nem tanto, a partir do lugar que as mulheres ocupavam” (p. 61).

De acordo com Gama (2006, p. 100), ainda na primeira metade do século XX, a cidade se tornou “palco de acontecimentos que contribuíram para uma efervescência discursiva imbricada de códigos de comportamento e normas de contenção da sexualidade feminina”. Em um momento em que chegava à cidade aspectos vindos da modernidade que se materializavam nas vestimentas, músicas, cinema, por exemplo. A Igreja Católica local, buscou fortalecer discursos que valorizavam os “bons costumes”, sendo os jornais locais um importante veículo de disseminação de ideias e condutas a serem seguidas. De acordo com Cortez (2000, p. 195) “Nesse sentido, os jornais exerceram, ao lado do clero, uma ação pedagógica na medida em que tentaram inculcar os papéis que cabiam aos vários atores sociais na teia da interdependência social daquela configuração social” (Cortez, 2000, p. 195).

Intervenções das Culturas Juvenis: abrindo espaços de superações no feminino servil e explorado

Segundo Florêncio (2016) os discursos do Jornal *A Açã*, pertencente a Diocese do Crato, colaboraram com o fortalecimento de ideias e valores que se desejavam reforçar e alimentar neste período, além dos modelos de masculinidade e feminilidade que eram almejados no período. Ao refletir sobre os discursos deste jornal, diz a pesquisadora: “entendo que seu caráter moral compõe uma tática de dominação e uma afirmação de um modelo de Ser social que tende a negar e excluir tudo que nele não se enquadra” (Florêncio, 2016, p. 66).

Nesta reportagem intitulada “O Problema do Meretrício” podemos perceber a visão que se tinha sobre o meretrício na cidade do Crato no período e como este jornal colaborava para pressionar as autoridades locais a tomar atitudes para exterminar “os antros de perdição” existentes na cidade:

Dia após dia, assume proporções alarmantes em nosso meio, o problema do meretrício, sob seus múltiplos aspectos. Em vários pontos da cidade, nos diversos bairros, nas zonas residenciais de famílias, surgem os antros de perdição, abrigando centenas de mundanas que, além do mais, tripudiam da honra e dignidade das famílias. Audaciosas e provocantes, infestando a vizinhança de lares honrados, zombam e ridicularizam a quantos erguem os seus justos reclamos contra tamanha perversão moral e social [...]. Urge que tomem providências e as mais enérgicas e oportunas. Tanto mais que há recursos legais para remover o montão de ruína. [...] (*A Açã*, 23/09/1951, p. 02).

Investigar classes periféricas é um grande desafio, pois nem sempre suas experiências chegam até nós, o que temos, geralmente são fontes oficiais, que não dão conta de um olhar mais abrangente. Pensar em pesquisar que deem voz aos sujeitos historicamente silenciados nos ajudam a ampliar o nosso olhar sobre as comunidades periféricas. Diante disso, com o objetivo de compreender a construção da *Comunidade do Gesso* a partir da perspectiva das mulheres, realizamos entrevistas com moradoras, as quais denominamos Pepita e Ametista, em referência às pedras preciosas. Essa escolha busca valorizar a experiência feminina e a sua importância na formação do tecido social comunitário.

Segundo Andrade (2000) no imaginário local está presente a figura da prostituta por duas perspectivas: “ou a de vítima das circunstâncias econômicas” que precisa comercializar seu corpo como alternativa de sobrevivência ou a visão “da mulher que corrompe e que aliena através de uma sexualidade de pecado e imoral”, este segundo caso era visto como “caso de polícia”. Essas duas visões colaboram para uma análise reducionista, representando “um sentido de negatividade que encontra-se ‘colado’ à prostituição e que terminam, mais uma vez reduzindo as análises sobre a questão” (Andrade, 2000, p. 4). Ao dar voz às mulheres que vivenciaram este espaço, este estudo busca contribuir para a construção de um conhecimento

mais amplo sobre essa realidade, colaborando para a superação das representações simplificadas e estereotipadas presentes no imaginário social.

4 Além das fachadas: Prostituição e vida cotidiana na *Comunidade do Gesso*.....

Neste estudo, adotaremos a História Oral como metodologia, compreendendo-a como um conjunto de entrevistas que nos permite acessar elementos essenciais do universo em análise. Segundo Santos (2007, p. 195) esse método “envolve um conjunto de entrevistas, que funciona como amostragem significativa, expressiva, pela qual, elementos essenciais do universo em análise devem estar presentes”.

Ao utilizar as falas como fontes, exploraremos o campo da memória, entendido como um processo dinâmico de construção e reconstrução, influenciado por fatores sociais, culturais e individuais. Conforme Le Goff (1996, p. 423), “a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”.

A primeira pedra preciosa que trazemos para nosso estudo é Dona Pepita que chegou à *Comunidade do Gesso* no final da década de 1970, aos 20 anos, vinda da cidade de Farias Brito: “Quando eu cheguei aqui, era movimento, todos os cantos aqui era casa de movimento de mulher”. Se mostra aliviada por ter criado seus filhos dentro da Comunidade, que sofreu pela marginalização e violência: “Tive meus filhos aqui dentro e, graças a Deus, que hoje tá tudo bem, não tem nenhum do mundo errado”.

Após ser indagada o que a motivou a sair da casa dos pais, sem comunicá-los para vir morar no Crato, ela dispara: “Porque eles não aceitavam a pessoa que eu era, e eu vim embora”! E que pessoa era a senhora? – pergunto. Ela altera sua voz e fala, enfática: “Rapariga”. Ao ser perguntada se já fazia programa em Farias Brito, ela responde: “Não. Ali aconteceu com uma pessoa. Aí, a pessoa veio para o Crato, arrumou um hotel para eu trabalhar”. Aí eu vim”. A fala de Dona Pepita, pode ser representativa para compreender o que levou algumas mulheres para uma vida que elas recusaram, mas que de fato não foi escolhida e aqui se lê como a moralidade da época não aceitava que a mulher iniciasse sua vida sexual sem casar.

Após vir de Farias Brito, Dona Pepita foi morar no centro da cidade: “Trabalhei um horror de tempo nesse hotel. Aí, depois, foi que arrumei um companheiro. Aí, fui viver mais ele, não deu certo! Aí também não voltei mais para trabalhar lá não. Vim para cá”. Podemos

perceber que um dos motivos que trouxe Dona Pepita para a comunidade, teria sido uma desilusão amorosa percebemos que sua rede de apoio de amigas foi fator determinante para a sua vinda para a comunidade: “Foi umas amigas minha, que me chamou para cá”.

Dona Pepita também traz em sua narrativa elementos sobre como era o aspecto físico do local na época:

Aqui tudo era mato! Tudo mato! [...]. Não, tinha um bocado de casa aqui que não tinha. Aquelas ali de andar, não tinha. Daquele primeiro andar para lá, não tinha. Só tinha a de baixo, que era de quarto para cá. Essas outras aqui tudo tinha. Aí daí, dessa casa do primeiro andar pra baixo era só as casinhas de taipa. O povo lavava roupa nas calçadas (Pepita, 2023).

Em sua fala podemos perceber a demarcação do local a partir da linha do trem: “Não, aquelas partes dali eu nunca conto nada dali não, porque era muito difícil a gente sair, para o lado de lá”. Lá era o lado familiar, e aqui as mulheres não podiam sair assim para esses cantos de lá. Na época, quem morava da “linha do trem para lá”, no Gesso, sofria preconceito, por estar inserido no espaço de prostituição”.

Podemos observar, através da fala de Dona Pepita, traços marcantes presentes na relação entre homens e mulheres naquele ambiente. Expressando o realismo e a dureza de viver do outro lado, que alinha-se aos estudos de Gijón Casares (2019) em trajetórias de mulheres em contexto de Prostituição e representam as decepções, fortalezas e resistências ante a violência que viviam. Com relação à violência, diz: “Os homens delas, e os outros, às vezes batiam”. Além da agressão física existiam outras formas de violência, como o não pagamento de alguns programas: “Muitos deles não pagavam, não”, e, “se sentiam superior”.

Com relação às mulheres que tinham companheiros e faziam programas: “Não, as mulheres de programa, se elas tinham alguma pessoa que viviam com elas, não vinham no horário delas fazer programa”. Perguntada se esses companheiros lidavam normalmente com o fato das mulheres serem de programa, responde: “Não. Mas se eles não tinham condição de sustentar mulher, a gente ia se virar, né?” Vemos aqui que a opressão vivida, se não trabalhada pelo oprimido leva-o a reproduzi-la, naturalizando-a. Tornando fatal o que é histórico e pode ser mudado. E, que nos ajuda a compreender as situações de opressão situadas por Judith Butler (2003) que são sustentadas pela estrutura de poder, de uma mulher condicionada, objetificada, vulnerabilizada e subserviente.

Ao finalizar a entrevista, visualizamos, na sala de Dona Pepita uma foto de quando era mais jovem, ali passado e presente se encontrando por um instante, e ela olhando sua foto. De

repente, solta: “O passado como é, né? Ah, eu era chique, não sonhava nem de ter nenhum desses meninos”; e continua a olhar a foto com atenção.

Imagem 1: Dona Pepita olha para sua imagem no passado



Fonte: Acervo da pesquisa, 2023.

Aqui podemos ver o olhar da mulher, Pepita, que diz “temer o castigo vindo de Deus pela vida que levou na Comunidade”. Na entrada da sua casa há uma cruz que representa, segundo ela, que “aqui é uma casa de cristão”; na sala, recanto mais íntimo, estão outros quadros que tocam o mesmo acorde de representação de sua “fé no divino”. Como ela diz. “Que dá campos novos a nossos plantios.”

Imagem 2: Cruz na porta da casa de Dona Pepita



Fonte: Acervo da pesquisa, 2023.

A nossa segunda entrevistada tem oitenta (80) anos e mora atualmente no Gesso, embora tenha passado parte da juventude entre Crato e São Paulo, onde se casou e teve filhos. Após a morte do esposo, veio morar definitivamente na comunidade, onde abriu um bar no local, aquela que aqui chamaremos de Dona Ametista. Indagada sobre como era morar na *Comunidade do Gesso*, ela responde: “Ah, tinha coisa boa, no bar; a gente no bar brincando, bebendo, tomando umas e outras com as amigas, com os amigos, tá entendendo? A vida era essa, né? Mas... Aí eu trabalhei também aqui em cima, eu botei um barzinho em cima no Gesso”.

Além da separação da linha do Gesso, também existiam separações dentro da própria Zona de Prostituição como nos fala Dona Ametista, o que limitava a mobilidade dentro do espaço da Comunidade, onde as mulheres mais simples tinham dificuldade em acessar espaços, que, possivelmente, eram frequentados por pessoas de maior poder aquisitivo:

Justamente. Aí era assim, a Boate aí, a Samburá, que na época era de Luís Bitu. Tinha muita mulher, tudo de gabarito, que aí também era assim, dividido, as próprias mulheres do Gesso não entravam nessa boate, tá entendendo? Podia vir com o mesmo traje, mas quem entrava no canto mais fraco não entrava lá, no lugar gabaritado, tá entendendo como é? Era desse jeito a vida (Ametista, 2023).

Sobre o movimento na Comunidade, Dona Ametista fala sobre a dinâmica da prostituição e intensa atividade no local até o seu declínio:

Aí tinha tudo, aí era uma feira. A verdade é essa. Dia de domingo, o que era de mulher, o que era de carro de juazeiro, vinha tudim aqui. Feira de mulheres. Havia uma tal de vespéral, festa, e era de gabarito mesmo. Ficava

uma fila de carro até aqui. Vinha aqui, de carro. Aí, as coisas mudaram muito, porque as mulheres, a maioria se debandaram, foram embora. Porque... (Ametista, 2023).

Com relação à atuação policial no local, nos vesperais de domingo, fala Dona Ametista nos termos que deixam ver expulsão e segregação, camuflada de moralidade:

Dona Ametista: Começava assim, uma hora mais ou menos, só ia até às cinco. Aí depois das cinco, pronto, ia passar até a hora que queria, de noite. Aí tinha um apito, o cabo apitava, fechava.

Entrevistadora: Apitava a que horas, os policiais?

Dona Ametista: Meia-noite e meia, meia-noite meia. Aí depois que apitava não ficava ninguém.

Entrevistadora: Aí depois de meia-noite não tinha mais movimento?

Dona Ametista: Tinha não. Eles apitavam e cada qual ia pra seus cantos. Se pegasse um na rua ia pra cadeia. Lá onde vai ser o Museu hoje, a cadeia era ali. A cadeia prendia o povo daqui, não os que usavam as mulheres (Ametista, 2023).

Dona Ametista mostra o local ambigualmente povoado de pessoas que iam ali ao Gesso incentivar e manter a prostituição, embora com a fachada de “manter a ordem nas ruas”. Respondendo aos ideais sociais esperados pelas normas de gênero que a mulher para servir o homem (Butler, 2003) numa sociedade marcada pelo coronelismo, catolicismo, machismo.

O “manter a ordem” era: retirar crianças e jovens para a feira de mulheres ficar mais à disposição dos compradores. Primeiro, quisemos saber: como as vidas da *Comunidade do Gesso* diuturnamente? Se a noite era animada, com as funções mais frequentadas, como seriam os dias?

Entrevistadora: E os meninos, as crianças, ou os de menor, eles faziam o que com esses que habitavam o lugar? Vigiam?

Dona Ametista: Ali não podia andar de menor não, minha filha. Comissário era só o que tinha aí. Quando você via a polícia chegar, já tinha cinco, seis, sete ou dez comissários. Nem o de menor até dezoito, dezenove não podia andar na rua não.

Entrevistadora: Não andava?

Dona Ametista: Não. E as mães não podiam ter seus filhos ali. Tinha uma pessoa para olhar seus filhos, pois ela ficava em função. É tanto que às vezes, elas botavam os meninos para ficar com pessoas que até se apegavam a eles e acabavam por criar. Ficavam com a mãe, mas eles eram criados fora, por outra pessoa. Não se criavam ali não. Nenhum. Nenhum era criado aí. Era fora. Tudo fora. Era criado fora.

Entrevistadora: Então, todo tempo tinha movimento aqui? Todo dia? Toda hora?

Dona Ametista: Ave Maria. Era. Era como uma feira. Era que nem a feira de Caruaru. Só que feira de mulheres.

Entrevistadora: Direto, direto. .. ?

Dona Ametista: Era. Não faltava quem viesse...era... Olha, é tanto que o pessoal não ia pegar a carro lá nos postos, porque os carros dos postos eram

tudo por aí, porque tinha gente toda hora pra andar pra vir pros cantos e depois ir (Ametista, 2023).

Veja-se que havia uma fachada de moralidade, que na verdade, expulsava os moradores crianças e jovens para que as mulheres ficassem mais disponíveis à “feira”, como disse dona Ametista. Assim, mais se insulava e rejeitava as novas gerações, que assim despertencidas, no passar do tempo e das ações conjuntas dos grupos juvenis não mais se sujeitaram ao fatalismo de um destino demarcado pela linha férrea que, de fato, segregava as mulheres que em sendo elas mesmas objetos de compra e venda não podiam criar seus filhos.

5 Da Gipsita à Cultura: a construção de uma nova narrativa de lugar a partir da atuação de Coletivos Juvenis

Aos poucos, e, sobretudo nos últimos anos, a localidade do Gesso foi passando por intensas transformações e desafios. Dentre os grupos que vieram atuando na agora chamada *Comunidade do Gesso*, colaborando com a cultura local, luta por direitos e superação das desigualdades sociais ali existentes, está o *Coletivo Camaradas*. Como explicita Rubi, do *Grupo Camaradas*, que nasceu na Comunidade:

Minha infância toda foi na beira da *Comunidade do Gesso*. Eu morei... Minha infância e parte da minha adolescência foi do lado da linha de carros (trem). A linha como esse elemento divisor desse espaço que a gente chama *Comunidade do Gesso*. E essa minha relação com esse espaço serviu também pra mim perceber, desde a infância, essas linhas que dividiam pessoas, que dividiam percepções, que dividiam narrativas e que criavam também histórias negativas sobre um lugar (Rubi, 2023).

Então se era tudo no Gesso tido como um lugar perigoso, como um lugar de pessoas que não deveriam se relacionar com as pessoas que ficassem do outro lado, ou do lado de lá da linha do trem, surge esse desejo de derrubar essas travas. Que estavam, evidentemente, dentro e fora das pessoas: dos que demarcavam ditatorialmente o que deveria ser o Gesso e o segregava, mas usando suas mulheres como em uma feira, e dos que passaram a dizer: “aqui mais não”. É preciso lembrar que mesmo em contextos de dominação os sujeitos sociais possuem a capacidade de construir novas narrativas e de transformar suas realidades. O *Coletivo Camaradas*, ao atuar na *Comunidade do Gesso*, tem sido fundamental na construção e incremento de novas narrativas na e da comunidade, superando um tempo eivado de estigmas. Criando formas de valorização da cultura local para que atingiam,

consequentemente, a valoração dos sujeitos que a fazem e recepcionam, em um bairro que passou a ver-se e ser visto diferentemente.

O *Coletivo Camaradas*, surgido em 2007, já sempre se destacara por sua atuação em diversas frentes. Mas nos últimos anos volta suas ações precipuamente para a área da cultura e da educação, promovendo atividades como o *Cine-Gesso* e a criação de bibliotecas comunitárias e itinerantes como as *Higinotecas*, além de intervenções urbanas como o *Poste Poesia* e as Rodas de conversas, com entreatos artísticos e literários. Ao se organizar e se mobilizar, os agrupamentos juvenis que o *Grupo Camaradas* aglutina consigo têm contribuído para a construção de tensionamentos que não ficam na crítica, mas levam a atitudes e ações propositivas, gerando espaços reflexivos, tecendo inclusões concretas junto aos que fazem a *Comunidade do Gesso*. Na verdade, com uma intervenção que “ocupa espaços” dos quais foram expulsos, colaboram com uma nova narrativa do lugar, e articulam solidariedades complexas, ainda que por vezes quase invisibilizadas (Amorim & Linhares, 2022; 2023).

5.1 Deslocando olhares para melhor ver ângulos vários

Conforme Isasi (2017, p. 32), a capacidade de reflexionar e expressar conflitos é fundamental para a ação de superá-los. Ao proporcionar um espaço para que os sujeitos expressem criativamente suas vivências é possível sulcar interações novas, aumentar o poder de aglutinação das pessoas e, mediante solidariedades vividas cotidianamente, se ir gestando transformações pessoais e sociais. Nesse movimento, torna-se as linguagens culturais não apenas um meio expressivo e de conhecimento, mas também ensaio de equidade.

A atuação do Coletivo, então, por ser movimento juvenil, de grupos com trajetória de ações sociais de cunho crítico e participativo, inclusivo e interartístico muito marcadas, resultou por contribuir para a desnaturalização das prostituições e da exploração do feminino, segundo as próprias mulheres. Normas sociais geridas por policiamentos e grave segregação, partida de grupos da política dominante, especialmente atingindo as questões de gênero e sexualidade, tão presentes na fundação desse espaço do Gesso, foram sendo silenciadas. As culturas juvenis passaram a povoar e, por meio de muitos coletivos, apoderaram-se de seus lugares, pois que eram dali. “E era dali que a gente falava com e para outros que se juntavam a nós”, dizia Ametista.

6 De que coletivos juvenis se fala, pois, e que atos produzem?

Intervenções das Culturas Juvenis: abrindo espaços de superações no feminino servil e explorado

O *Coletivo Camaradas* se define como uma organização política de esquerda, com uma perspectiva teórico-crítica. Afirmam buscar compreender a realidade a partir de suas contradições, e atuando a partir daí constroem projetos e atos que colaborem na construção de uma sociedade capaz de pautar a vida visando justiça social e maior potência solidária. Nos pilares do *Coletivo Camaradas* estão principalmente o trabalho com a arte e a cultura, onde as práticas artísticas são vistas como fala e espaço de transformação social.

Outro importante pilar deste coletivo é a organização popular, que vai se urdindo através do incentivo à participação dos moradores do Gesso nas atividades realizadas pelo Coletivo, dentro e fora da Comunidade, mas que impactam direta e indiretamente a vida coletiva do lugar. A exemplo da luta por políticas públicas, feita continuamente, também vai se tecendo passo a passo uma ambiência cotidiana capaz de dar corpo aos possíveis desse esperar.

Outro importante pilar para a atuação do *Coletivo Camaradas* é a educação, vista como fundamental para a emancipação e o desenvolvimento das pessoas. Com tal propósito o coletivo realiza diversas atividades educativas, como Rodas de conversa e Oficinas fora e dentro das escolas circunvizinhas. As parcerias com escolas públicas e universidades do entorno da Comunidade do Gesso propiciam que o próprio espaço comunitário não fique invisibilizado, mas que os sujeitos do Gesso sejam atores, protagonistas, portanto, de novas falas sobre si, gerando novos olhares nesse tensionado dentro-fora que se esgarça (Amorim & Linhares 2022; 2023).

Machado Pais (2017) propõe que investiguemos o cotidiano como um mapa em constante construção, repleto de deslocamentos, margens e superações, onde o presente é moldado pela história e suas temporalidades mutantes. O autor nos convida a enxergar o dia a dia não apenas como um espaço de criação e imaginação, mas também como um campo de luta e resistência social. Essa perspectiva encontra eco na fala e nas ações do Rubi, membro do *Coletivo Camaradas* na *Comunidade do Gesso*, quando cita a articulação da teoria e prática. É que por urdir espaços de experimentação e de criação cultural, em um processo contínuo de ação e reflexão moleculares (de pequena monta), mas que vai se amalgamando e criando corpo. Nesse sentido, é que as culturas juvenis dão asas a dinâmicas de criação de ideias e projetos que elegem a *Comunidade do Gesso* como um laboratório social de experimentações.

Durante o acompanhamento desse laboratório social evidenciamos a oposição às estruturas de opressão arraigadas dentro da *Comunidade do Gesso*. Motivados por um profundo desejo de emancipação, esses grupos abrem caminho para novas possibilidades,

onde o inédito viável, como nos ensina Freire (1997), pode se tornar realidade. E, dentro dessa perspectiva de resistência que foi criado o Território Criativo do Gesso, em uma emblemática ocupação dos tempos e espaços do lugar com novas narrativas, ações de arte e conversações grupais.

Surgido com esse móvel, o *Coletivo Camaradas* cria o *Território Criativo do Gesso*, no ensejo de valorizar a cultura local, fortalecer as identidades comunitárias e suas solidariedades, que mediante essas ações são convocadas a se presentificarem. Alinha-se aos estudos de Hall (2000) em que as identidades são pontos de apego temporário, que transforma-se, dentro das condições materiais e históricas, pela efetivação do sujeito em seu processo de permanente transformação.

Ao representar a trajetória de transformação da comunidade, porquanto o Território Criativo tem esse emblema, os sujeitos da comunidade experimentam atores e atrizes dessas ações que se sucedem semana a semana, escutando-se e a seus deslocamentos de olhares. Segundo eles mesmos, vão “ensaiando viver diferente”, daí lutando por formas de vida mais consentâneas com seus desejos. Tal esforço mutante envolve a transformação de espaços e atos de dominação, que por sua vez questionam a historicamente problemática ideia de intimidade, e as formas com que foram aviltadas. Veja-se:

Quanto à evolução da intimidade, sabemos o quanto ela sempre foi precária, entre nós. Os lares monoparentais, a mestiçagem, a pobreza material e arquitetônica que se traduzia em espaços onde se misturavam indistintamente crianças e adultos de todas as condições, a presença de escravos, forros e libertos, a forte migração interna capaz de alterar os equilíbrios familiares, a proliferação de cortiços, no século XIX e de favelas, no XX, são fatores que alteravam a noção que se pudesse ter no Brasil, até bem recentemente, de privacidade tal como ela foi concebida pela Europa urbana, burguesa e iluminista. (Del Priori, 2012, p.239)

Aos poucos o *Território Criativo do Gesso* teceu também uma alargada expansão ao envolver outras comunidades como Centro, Pinto Madeira, Santa Luzia, Palmeiral e São Miguel, que passaram a ser partícipes de ações conjuntas, embora o estigma do passado do Gesso ainda perdure em falas dos bairros do seu entorno.

O *Território Criativo do Gesso* vai então na prática implodindo a separação entre o Gesso e os demais bairros, amplificando a ideia de *Comunidade do Gesso* que sai rompendo fronteiras separatistas, estigmatizadoras, em seu lugar ampliando solidariedades. Ao conectar diferentes bairros e promover a troca e a liga cultural, o projeto transcende os limites geográficos e cria um novo sentido de pertencimento e visão de território, causando rupturas com a perspectiva hegemônica anterior.

Ao valorizar a cultura local e incentivar o diálogo com moradores e instituições presentes neste território, o Coletivo está contribuindo com a construção de um espaço de produção de novas territorialidades. Para o geógrafo Milton Santos, o território não é apenas um espaço físico, mas um espaço vivido, construído socialmente, carregado de significados e dinâmico em sua capacidade de efetivar mudanças no mundo de vida (Santos, 1988; 1996). Nesses campos sociais dinâmicos, Milton Santos observa ser possível reconstruções da geografia da acumulação do capital, uma vez que tendo sido superada a invisibilidade do problema da prostituição e do cerco de aviltamentos que a sustinha, houve espaço mudança, contraditoriamente também se dava corpo a hipocrisias que se diziam

A seguir falaremos de algumas das ações que, por serem emblema de ideias que movem os sujeitos no sentido que vimos de mencionar, estão sendo desenvolvidas no *Território Criativo do Gesso*, dessa forma esculpindo uma geopolítica outra, que vai modificando o estatuto anterior da comunidade.

6.1 Cine-Gesso

O *Cine-Gesso* torna-se um dispositivo midiático potencializador de um currículo multirreferencial (Amaral *et al.*, 2020), que tem como objetivo democratizar o acesso ao cinema, promover a cultura cinematográfica e fomentar o debate sobre temas relevantes. E, evidentemente, ampliar a noção de território, superando, operacionalmente, estigmas. Ao exibir filmes para além das salas de exibição tradicionais é possível tornar o cinema acessível a um público mais amplo e diverso, provocar discussões de conteúdos novos e fazer derrapar fronteiras opressivas dentre os bairros. As sessões acontecem nos mais diversos espaços, como praças, escolas e centros comunitários.

A imagem 3 mostra o *Cine-Gesso* sendo realizado em dois espaços dentro do Território Criativo do Gesso, com curtas sobre a própria *Comunidade do Gesso* e o *Coletivo Camaradas*, construindo práticas educativas diferenciadas, propondo diferentes maneiras de ver a comunidade, envolvendo diferentes grupos sociais, étnico-raciais, religiosos. E que visa integrar a razão e a sensibilidade nos processos de ensino e aprendizagem, em diálogo com uma “didática do sensível”, como nos apresenta D’Ávila (2022). Por serem acompanhadas de debates, essas sessões promovem a reflexão sobre os filmes e a troca de experiências entre os participantes, amplificando seu caráter educativo e social, porquanto se veem atuando, discutem o *em quê e com*, e projetam devires.

Imagem 3: Cine-Gesso na Escola



Fonte: Acervo da pesquisa, 2024.

Um local onde se reproduzia noções estigmatizadoras sobre o Gesso, eram as escolas. Sendo do Gesso, as crianças silenciavam, ora eram excluídas por outras. Diante disso, o Camaradas pensou essa ação de cinema, de modo a colaborar para dar visibilidade às novas imagens da *Comunidade do Gesso*, desse modo também valorizando experimentações culturais, que operavam com novas referências sobre produção audiovisual independente. O âmbito dialógico era o fio de Ariadne que costurava a interação dos espaços diversificados que passavam a compor o chamado *Território Criativo do Gesso*.

Imagem 4: Cine-Gesso no Espaço Capoeira.



Fonte: Acervo da pesquisa, 2024.

6.2 Higinotecas

Intervenções das Culturas Juvenis: abrindo espaços de superações no feminino servil e explorado

Além da biblioteca comunitária localizada na Sede do *Coletivo Camaradas*, que tem como objetivo democratizar o acesso à leitura na *Comunidade do Gesso*, outra ação desenvolvida na Comunidade são as *Higinotecas*, pequenas bibliotecas comunitárias, espalhadas por diversos pontos da comunidade, sobretudo botecos e lugares inusitados. Instaladas em pequenos comércios da comunidade, portanto, como mercearias e padarias, os livros são disponibilizados para a locação, podendo ser retirados e devolvidos a qualquer momento. A facilitação do empréstimo dos livros e as conversas em rodas que também discutem assuntos literários e poéticos com criações, sobretudo de crianças da comunidade, tem possibilitado o acesso a livros para todas as idades e gostos, incentivando o hábito da leitura e promovendo a cultura local.

O nome *Higinoteca* é uma homenagem a Antônio Higino, um cordelista conhecido por usar uma Kombi itinerante para emprestar livros de cordel para a população da cidade. A ideia é que, assim como Higino, as *Higinotecas* se tornem espaços de encontro e de troca de conhecimento, fomentando que se possa andarilhar e compartilhar leituras em espaços antes proibidos na comunidade. Com as reflexões palmilhadas por essas práticas fica parte do mundo vivido de muitos a ideia de que a educação não se limita aos espaços escolares formais, mas se estende a todos os âmbitos da vida social, promovendo Ecologia de saberes (Santos, 2019).

Imagem 5: Higinoteca em lanchonete



Fonte: Acervo do *Coletivo Camaradas*, 2024.

6.3 Poste Poesia

O *Poste Poesia* é uma intervenção urbana que tem o objetivo de colaborar com a cultura leitora dentro da comunidade, através da colagem de poesias nos postes das ruas da Comunidade. As poesias que vão para os postes são retiradas do banco de dados criado pelo próprio Coletivo, onde estão presentes poesias de vários poetas das várias regiões brasileiras. Também se labora a criação de poesias pelas próprias crianças e jovens da *Comunidade do Gesso*, nas escolas, por esses, e sobretudo nas ações do *Coletivo Camaradas* realizadas no *Território Criativo do Gesso*.

Intenciona-se que os poemas colados nos postes possam dialogar e emocionar as pessoas, que irão ler sobre suas realidades pessoal e social. Dessa forma amplia-se também os sujeitos do *Território Criativo*, uma vez que mais pessoas criarão poesias e participarão da ação coletiva de colá-las nos postes das ruas da comunidade. As pessoas que criam as poesias podem se perceber contribuindo com a reflexão dos leitores, e também com a paisagem humana e cultural do ambiente. Os transeuntes, por sua vez, ao passarem perto de um poste podem parar para ler as poesias, “transformando a cidade em um grande livro a céu aberto”, como é dito pelos partícipes do *Poste Poesia*. Além de serem coladas aos postes, as imagens da intervenção também são postadas nas redes sociais - o que contribui para ampliar o espaço de leitura e de ação do *Poste Poesia*. Essa experiência também diloga com (Amaral et al., 2020).

Imagem 6: *Poste Poesia* na *Comunidade do Gesso*.



Fonte: Acervo do *Coletivo Camaradas*, 2024.

7 Considerações Finais

Apesar dos avanços, os coletivos juvenis ainda enfrentam diversos desafios, como a falta de recursos financeiros para desenvolver mais amplamente suas ações e a desvalorização das ações juvenis ante novos espaços institucionais educativos que seriam importantes acessar. Mesmo assim, a atuação do *Coletivo Camaradas*, contudo, tem contribuído com a criação de outros grupos juvenis dentro e fora da *Comunidade do Gesso*, o que demonstra a vitalidade e o poder de organização e mobilização, com estratégias que demonstram sagacidade e implicação nas perspectivas dos territórios habitados.

As atividades descritas neste artigo, que estão sendo desenvolvidas pelo *Coletivo Camaradas* na *Comunidade do Gesso*, como o *Cine-Gesso*, bibliotecas comunitárias e itinerantes (*Higinotecas*) além da intervenção urbana *Poste Poesia*, têm contribuído com a construção de novas narrativas para a *Comunidade do Gesso*. Essa experiência pode ser vista como possibilidade para futuras discussões sobre a escolarização aberta proposta por (Okada & Sherborne, 2018), por promover uma experiência educativa que visa democratizar o acesso à educação, colaborando com práticas mais significativas e inclusivas para os estudantes de escolas de ensino formal.

8 Referências

- AMARAL, Mirian Maia do; SANTOS, Rosemary dos; SANTOS, Edméa Oliveira. O cinema como arte e dispositivo midiático potencializador de atos de currículo multirreferenciais no ensino superior. *Educação*, Santa Maria, v. 44, e32935, 2019. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-64442019000100032&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 nov. 2024. doi: 10.5902/1984644432935.
- AMORIM, M. R. S.; SILVA, R. A. Intervenções urbanas entre a zona e a linha: o Poste Poesia na Comunidade do Gesso (Crato-CE). In: MARTINS, E. S. (Org.). *A construção de uma Geografia combativa: entre o movimento estudantil e a academia*. Crato: Ateliê Editorial do NETLLI, 2017.
- AMORIM, M. R. S.; LINHARES, A. M. B. Produção Artística como Intervenção na Cidade: a experiência do Poste Poesia junto à Escola Pelúcio Correia de Macedo no Cariri Cearense. In: RIBEIRO, Luís Távora Furtado (Org.). *Educação Brasileira: Dilemas Históricos e Contemporâneos*. Amazonas: EDUA, 2023.

- AMORIM, M. R. S.; LINHARES, A. M. B. Conflitos de narrativas e culturas juvenis na Comunidade do Gesso: percursos do Coletivo Camarada. In: FILHO, Adauto Lopes da Silva Filho (Org.). *Filosofia e Educação: concepções, teorias e saberes*. Curitiba: CRV, 2022.
- ANDRADE, Iarê Lucas de. *Da linha do trem pra lá: o discurso sobre a prostituição na cidade de Crato (1940/1960)*. 200 f. Dissertação (Mestrado em História Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CASARES, M. Gijón. Espacio íntimo de la pedagogía: relación educativa y su triple dimensión formativa como dinamismo de ciudadanía. *Educatio Siglo XXI*, v. 37, n. 1, p. 131-146, mar.-jun. 2019. Disponível em: <https://revistas.um.es/educatio/article/view/363431>. Acesso em: 13 nov. 2024. doi: 10.6018/educatio.363431.
- CORTEZ, Antônia Otonite de Oliveira. *A construção da “cidade da cultura”: Crato (1889-1960)*. 210 f. Dissertação (Mestrado em História Social), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.
- D’ÁVILA, Cristina. *Didática sensível: contribuição para a didática na educação superior*. Brasília: Editora UnB, 2022.
- DEL PRIORI, M. A criança negra no Brasil. In: Jacó-Vilela & Sato (Orgs.). *Diálogos em psicologia social*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012.
- FLORÊNCIO, Lourdes R. S. *O Reino da Glória e a moral católica: memórias sobre a educação feminina e a prostituição na cidade de Crato – CE*. 163 f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido* / notas de Ana Maria Araújo Freire. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- GAMA, Cícera A. C. B. Flores de Lisieux: A construção da sexualidade feminina nas instituições educacionais da cidade do Crato, entre as décadas de 40 e 60 dos séculos XX. In: MARQUES, Roberto (Org.). *Os limites do gênero: estudos transdisciplinares*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006.
- HALL, Stuart. Quem Precisa de Identidade? In: SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.
- HOOKS, Bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras* / tradução Ana Luiza Libânio. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018

Intervenções das Culturas Juvenis: abrindo espaços de superações no feminino servil e explorado

- ISASI, Santiago Pérez. *Conflito, Culpa Memória na Literatura Basca do século XXI. Revista...à Beira*, n. 11, Lisboa, p. 21-36, abril/2017.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. 4. ed. Campinas: Unicamp, 1996.
- LINHARES, Ângela Maria Bessa. *O Pensamento criador ou narratividade enquanto ato criador: processos criativos na crítica da cultura*. 504 f. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2001.
- LUCAS, Alexandre. *Entranhamentos: entre arte, estética, política, cultura e educação*. Disponível em: <camaradas.org/>. Data de acesso: 18 mar. 2016.
- MARTINS, C. H. S; CARRANO, P. C. R. A escola diante das culturas juvenis: reconhecer para dialogar. *Educação*, v. 36, n. 1, p. 43-56, jan/abr/2011. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/edufsm/v36n01/v36n01a04.pdf>. Acesso em 10 set. 2023.
- MENESES, Sônia; LEITE, P. C. R.. Narradores do Cariri: alguns apontamentos para o tempo presente. In: MENESES, Sônia. (Org.). *Cariri, Cariris: outros olhares sobre um lugar (in)comum*. 1. ed. Recife: Imprima Expressão Gráfica, 2016.
- NICOLESCU, Basarab. *O Manifesto da Transdisciplinaridade*. Triom: São Paulo, 1999.
- OKADA, Alexandra; SHERBORNE, Tony. Equipping the next generation for responsible research and innovation with open educational resources, open courses, open communities and open schooling: an impact case study in Brazil. *Journal of Interactive Media in Education*, v. 1, n. 18, p. 1-15, 2018. Disponível em: <https://jime.open.ac.uk/articles/10.5334/jime.482/>. Acesso em: 14. 2024
- OLIVEIRA, Anny Carolina de, OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; CORRÊA, Avani Maria de Campos. A História oral: uma metodologia de pesquisa qualitativa, *Revista Prisma*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 63-77, 2021.
- PAIS, J. Machado. Juventudes contemporâneas, cotidiano e inquietações de pesquisadores em Educação: uma entrevista com José Machado Pais. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 64, p. 301-313, abr./jun. 2017.
- PASSEGI, Maria da Conceição. Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico, *Roteiro*, v. 41, n. 1, p. 67-86, jan./abr. 2016.
- PORTELLI, Alessandro. *História Oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.
- ROCHA, Padre Pedro Ribeiro. O Problema do Meretrício. *Jornal A Ação*, Crato, 23 set. 1951, p. 02.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do Sul*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, M. *Por uma outra globalização: do pensamento único a consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SANTOS, M. A natureza do espaço. São Paulo: Hucitec, 1996

SANTOS, Sônia Maria dos; ARAÚJO, Osmar Ribeiro de. História Oral: vozes, narrativas e textos. *Cadernos de História da Educação*, Uberlândia, n. 6, p.191-201, 2007.

ZUMTHOR, P. *Performance, recepção, leitura*. Trad. Jerusa P. Ferreira, Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

Submetido em: 17/11/2024

Artigo aceito em: 06/12/2024